
ESTRUTURA SOCIAL E PERSONALIDADE: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Mirja Jaksch Weller

Resumo

O desenvolvimento humano foi estudado através do trabalho sócio-educativo que utiliza o esporte eqüestre, particularmente a modalidade de volteio em da favela do Real Parque, distrito de Barão Geraldo, cidade de Campinas. Buscou-se neste momento compreender melhor a ligação entre a estrutura social e a estruturação da personalidade da pessoa nela inserida. Os maiores enfoques foram dados nas teorias de Urie Bronfenbrenner e Norbert Elias, as quais auxiliaram na sistematização e classificação de redes de relacionamentos e na tentativa de desvelar e descrever aquelas particularidades da sociedade que considera relevantes para a estruturação psicológica do indivíduo.

Palavras-Chave

Volteio; trabalho sócio-educativo; desenvolvimento da personalidade.

Abstract

The human development was studied through the social-educational work which uses the equestrian sport, especially vaulting in children liveing in the Real Parque slum, at the Barão Geraldo neighborhood at Campinas. We were looking for a better understanding of the relationship between the social structure and the development of personality structure. The main focus were done in the theories of Urie Bronfenbrenner and Norbert Elias, which helped to better understand the organization and classification of the nets of relationships and in the attempt for unveil and describe the peculiarities of society which are considered important for the development of personal structure of the individual.

Key-Words

Vaulting; social-educational study; personality development.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo foi despertado pelo envolvimento da pesquisadora com as crianças da favela do Real Parque, distrito de Barão Geraldo, cidade de Campinas, S.P., Brasil. Esse primeiro contato ocorreu de forma espontânea num rancho vizinho da favela. Ou seja, o relacionamento com as crianças estabeleceu-se no contexto específico (cavalo/equitação e volteio) que mostrou ser favorável à aprendizagem no sentido mais amplo.

Os recursos que o envolvimento da criança com o cavalo oferecem estimularam a pesquisadora a buscar subsídios para estruturar esta atividade, podendo assim atender melhor às necessidades dessas crianças. Com o decorrer do tempo, a atividade foi transferida para um haras com uma estrutura melhor e as crianças foram encaminhadas pela entidade Pró-Menor. A entidade atende na maioria crianças daquela favela, pois é o bairro mais pobre de Barão Geraldo. Em linhas gerais, a entidade procura oferecer à criança um trabalho sócio-educativo, acompanhando o seu trabalho escolar e ampliando a sua formação, preparando-a para um futuro ingresso no mercado de trabalho.

No total, a Pró-Menor encaminhou vinte e nove crianças durante um período de três anos para este trabalho. As crianças foram selecionadas pela assistente social levando-se em conta critérios como agressividade, dificuldade em aceitar limites, isolamento na entidade ou mudanças bruscas na estruturação familiar. Desse grupo foram escolhidas para o presente estudo aquelas doze crianças que participaram por um tempo mais prolongado do programa, fornecendo assim dados suficientes a serem avaliados.

Embora se tenha trabalhado com a modalidade de adestramento básico na fase inicial, a atividade primordial durante a coleta de dados foi o volteio. Esta atividade é pouco conhecida no Brasil, porém é uma prática popular na Alemanha. No Volteio trabalha-se com o cavalo na guia, que é adestrado para atender a voz e ser conduzido pelo longeur. As crianças podem montar individualmente, em duplas ou trio, sem precisar dominar o animal e sem utilização de sela, só com uma manta e um cilhão com duas alças.

Essa modalidade equestre oferece uma grande variedade de exercícios, pois podem ser trabalhadas durante uma aula, todas as três andaduras do cavalo e mão direita e esquerda, ou seja, passo, trote e

galope com o cavalo andando nos dois sentidos. Conforme o nível técnico da criança, escolhe-se a andadura adequada na qual podem ser executados vários exercícios ou figuras do volteio, que apresentam características da ginástica artística. Dessa forma o profissional dispõe de uma gama imensa de variações de exercícios, podendo aumentar ou diminuir o grau de dificuldade. Além do mais, destacou-se o volteio como uma atividade de conteúdo pedagógico significativo pelo fato de poder envolver ao mesmo tempo várias crianças sobre ou, simplesmente, junto com o cavalo, de tal forma que elas treinam intensamente comportamentos sociais, como por exemplo ajudar e pedir ajuda, respeitar regras e autocontrole.

Este estudo tem como objeto o estudo do desenvolvimento juvenil, pois procura auxiliar na elaboração de uma atividade que se baseia tanto nas competências adquiridas durante o desenvolvimento da criança quanto nas necessidades originadas pelos déficits ocorridos nesse processo. Assim sendo, tornou-se indispensável pesquisar como ocorre o desenvolvimento humano, aprofundado-se nas variáveis que interagem nesse processo complexo.

ENFOCANDO OS AUTORES BRONFENBRENNER E ELIAS

Neste ponto de trabalho procura-se contribuir para a compreensão da ligação entre a estrutura social e a estruturação da personalidade da pessoa nela inserida. Deu-se neste momento enfoque nos autores Urie Bronfenbrenner e Norbert Elias. Enquanto o primeiro autor procura sistematizar e classificar essas redes de relacionamentos para aí poder detectar quais são as possíveis influências no indivíduo, o segundo procura desvelar e descrever aquelas particularidades da sociedade que considera relevantes para a estruturação psicológica do indivíduo.

Existem várias teorias que, segundo Krebs (1988, p. 177): “(...) têm abraçado a difícil tarefa de explicar esse processo de interação entre o ser humano em desenvolvimento e seus múltiplos contextos”. Entre as teorias se destaca a Teoria dos Sistemas Ecológicos de Urie Bronfenbrenner, pois para o autor foi fundamental conceituar o processo do desenvolvimento humano de tal forma que na sua análise podem ser consideradas ao mesmo tempo as propriedades da pessoa e dos ambientes em que a pessoa está inserida.

Para Bronfenbrenner é necessário, na interpretação das propriedades da pessoa, assumir uma “perspectiva ecológica”. O que significa uma interpretação contextual das características da pessoa, relacionando-as

com os diversos ambientes que por sua vez são entendidos como sendo dinâmicos. Por isso, Bronfenbrenner sistematiza os parâmetros do contexto, resumido por Krebs (1998, p.189-190) da seguinte forma:

“Bronfenbrenner (1979, 1992, 1995) propõe um modelo sistêmico em que os ambientes em que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente constituem a dimensão mais imediata, nomeados como **microsistemas**. A rede sistêmica que é formada pelos microsistemas que uma pessoa vivencia é chamada de **mesossistema**. Os contextos em que a pessoa em desenvolvimento não participa ativamente, mas aos quais esteja indiretamente relacionada são chamados de **exossistema**. E, finalmente, a dimensão mais abrangente do modelo, que envolve todos os níveis de contextos caracterizados como micro-, meso- e exossistemas, é denominado como **macrossistema**”.

Essa estruturação do contexto faz parte dos modelos de Bronfenbrenner: **pessoa-processo-contexto** e do **cronossistema**, mas também do seu modelo mais recente onde integrou os dois modelos criando assim o modelo **pessoa-processo-contexto-tempo**. O modelo integra, continua Krebs (1998, p.191):

“as características biológicas e sociais (pessoa), as mudanças que foram ocorrendo ao longo da vida (processo), as características físicas, políticas, econômicas, culturais, etc. dos ambientes (contexto) e os eventos de ordem biológica e sociocultural que tiveram impacto na vida da pessoa (tempo). Esses elementos todos constituem o que Bronfenbrenner propõe como **Paradigma Bioecológico**”.

Interessou então pesquisar, além das particularidades da personalidade da criança em estudo, os contextos do seu desenvolvimento, isto é os elementos e propriedades do seu bairro enquanto macrossistemas, bem como as características do contexto mais imediato, família, escola, entidade e os relacionamentos estabelecidos na atividade proposta, enquanto microsistemas.

Apresenta-se, portanto, no presente trabalho questões teóricas relativas ao desenvolvimento humano para esclarecer as peculiaridades dos ambientes nas quais as crianças do estudo estão inseridas.

Este item parte do macrossistema tal como o define Bronfenbrenner apud Krebs (1997, p.33):

“(…) consiste de todo um padrão externo de microsistemas, mesossistemas e exossistemas característicos de uma determinada cultura, sub-cultura ou outro contexto social maior, com um padrão referencial desenvolvimentista-investigativo para o sistema de crenças, recursos, riscos, estilos de vida, estruturas, oportunidades, opções de vida e padrões de intercâmbio social que estão incluídos em cada um desses sistemas.”

Desta forma o macrossistema pode ser entendido como uma estrutura maior que organiza uma cultura particular, sub-cultura ou outro contexto maior.

A compreensão das particularidades do macrossistema específico das crianças em estudo possibilitou

uma interpretação contextualizada de comportamentos ligados ao processo da socialização, pois foram esses os comportamentos mais mencionados no encaminhamento da criança pela entidade.

Pela complexidade deste processo tem sido muito discutida a forma como acontece a aprendizagem de habilidades sociais, quais são as suas influências e as suas manifestações. Para o psicólogo americano Howard Gardner, segundo Metzger (1994), por exemplo, existe uma inteligência social, que ele define pelo conhecimento da própria pessoa e das outras com quem interage. Gardner distingue a inteligência intrapessoal, o conhecimento da própria pessoa, da inteligência interpessoal, com a qual percebemos os desejos, sentimentos e motivações de outros indivíduos. Essas duas formas de inteligência compõem, segundo Gardner, a inteligência social, cuja forma é influenciada pela cultura na qual o sujeito está inserido. O psicólogo vê todas as outras formas de inteligência sendo controladas por essa inteligência social.

Acredita-se que o comportamento social se desenvolve num processo lento de aprendizagem, no qual se modificam a frequência e a qualidade das interações sociais. Nesse desenvolvimento da conduta social da criança é de grande importância o desenvolvimento de duas habilidades, a saber:

- colocar-se na perspectiva do outro;
- antecipar reações, comportamentos e sentimentos dos outros.

O desenvolvimento dessas habilidades faz com que a criança seja capaz de estabelecer relações recíprocas. As crianças em estudo, na faixa etária de sete a doze anos, estão no período que Piaget denominou operatório-concreto - período do desenvolvimento marcado pelo início da cooperação e do raciocínio lógico. A criança já está apta a entender e atender regras simples e, observando-se um grupo de crianças dessa fase, percebe-se que elas ficam um bom tempo discutindo as regras da realização de uma tarefa coletiva. A criança já forma e trabalha com esquemas conceituais, mas ainda depende da existência dos objetos do mundo externo, ou seja, ainda não se encontra em condições de pensar abstratamente sobre situações hipotéticas de modo lógico ou de organizar regras em estruturas mais complexas. O real e o fantástico deixam de se misturar e a criança não mais tolera contradições no seu pensamento ou entre o pensamento e a ação. Para Piaget e Inhelder (1994, p. 25):

“as mudanças sociais reflectem mudanças cognitivas. Por volta dos oito anos a criança desenvolve competências de planejamento, de memorização, de pensamento simbólico e de descentralização que vão facilitar o seu desenvolvimento social, agora alargado a um maior número de contextos, entre os quais a criança se movimenta. As

ações físicas passam a ser internalizadas, ocorrendo mentalmente. Quanto aos julgamentos morais, Piaget coloca uma tendência para a interiorização, ou seja, as intenções do sujeito estão levadas em consideração e não só o mero ato em si”.

Na presente pesquisa, notou-se no início do trabalho um comportamento agressivo, tanto verbal quanto não-verbal, na maior parte das crianças em estudo. Elas se sentiam constantemente provocadas e facilmente frustradas, reagindo com xingamentos, reclamações, ou até com agressões ao outro, e desistindo rapidamente de algo que lhes pareceu difícil de executar. Evidencia-se, então, o que Cassidy apud Matos (1994, p. 17), sugere:

“(…) as crianças com uma vinculação segura parecem adaptar-se melhor a vida social, no que diz respeito a tarefas cognitivas, parecem desde o ano e meio mais envolvidas no jogo simbólico, mais entusiasmadas, mais fáceis de ensinar, com mais resistência à frustração, mais capazes de coordenar soluções de problemas com a mãe. São ainda mais populares no infantário, tomam mais vezes a iniciativa de estabelecer contatos sociais, e são mais competentes a ajudar os outros. Estas características reflectem-se na sua auto-estima e na sua auto-avaliação da competência cognitiva e popularidade”.

E mais, pela interação com as crianças, chegando a conhecer alguns de seus familiares, os pesquisadores perceberam que estão lidando com um “outro mundo”, cuja sociedade se diferencia pela sua estrutura e pelo funcionamento das relações dos indivíduos daquele universo. Ficou evidente que, falando de socialização, é necessário analisar a sociedade na qual esse processo está se realizando.

A seguinte pergunta surgiu a partir destas considerações: quais são as particularidades do dia-a-dia desse macrosistema, que estão em estreita ligação com o código social de conduta do indivíduo, que são incorporados de tal forma no ser humano a ponto de tornar-se um de seus elementos constituintes?

Procurou-se, então, uma melhor compreensão da conexão entre estrutura social e a estrutura da personalidade. Os estudos de Norbert Elias nos forneceram um arcabouço sociológico para tal compreensão. Ele dedicou 50 anos ao estudo dessa relação durante a História, começando na Idade Média, e define seu estudo da seguinte maneira (Elias, 1990, p.217):

“(…) este estudo ajuda a solucionar o remittente problema da ligação entre estruturas psicológicas individuais (as assim chamadas estruturas de personalidade) e as formas criadas por grandes números de indivíduos interdependentes (as estruturas sociais)”.

É interessante ressaltar que este estudo não aborda as estruturas como fixas, mas como mutáveis, envolvidas no mesmo processo histórico do qual elas interdependem. O autor afirma (Elias, 1990, p.235):

“(…) as pessoas freqüentemente falam e pensam em indivíduos e sociedades como se fossem dois fenômenos com existência separada - dos quais, além disso, um é com freqüência considerado “real” e o outro “irreal”- em vez de dois aspectos diferentes do mesmo ser humano”.

A seguir, um maior enfoque será dado à estrutura social, de acordo com Elias, para compreender melhor as diferenças entre determinadas sociedades e onde as diferenças se manifestam no comportamento do indivíduo. Para isso mostrou-se importante a compreensão do conceito de “configuração”, introduzido da seguinte maneira pelo autor (Elias, 1990, p.249):

“(…) não é particularmente frutífero conceber os homens à imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si”.

Essas configurações podem ser classificadas conforme a Teoria dos Sistemas Ecológicos de Bronfenbrenner, possibilitando assim diferenciar o envolvimento do indivíduo (seja em um micro-, meso-, exo-, ou macrossistema) e ajudando a verificar melhor a dimensão da influência recíproca. A consideração das duas teorias (A Teoria do Processo Civilizatório e a Teoria dos Sistemas Ecológicos) pode ser fundamental na busca da compreensão do relacionamento ambiente - indivíduo.

Utilizando-se o conceito de acordo com Elias para compreender o nível macrossistêmico, o termo “configuração” expressa de forma mais clara a visão de rede de interdependências formadas pelos indivíduos. Uma rede que se desenvolve pelo constante entrelaçamento dos planos, das ações, dos impulsos emocionais e racionais das pessoas isoladas e que faz surgir uma determinada ordem. Uma ordem “(…) mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem” (Elias, 1993, p.194).

Para o autor é sempre em uma determinada configuração que se organizam os relacionamentos humanos, moldando por sua vez certas características comportamentais dos indivíduos envolvidos. A respeito dessa relação o mesmo autor afirma (Elias, 1993, p.198):

“De modo geral, a direção em que o comportamento e a constituição afetiva das pessoas mudam, quando a estrutura dos relacionamentos humanos é transformado, é a seguinte: as sociedades sem um monopólio estável de força são sempre aquelas em que a divisão de funções é relativamente pequena, e relativamente curtas as cadeias de ações que ligam os indivíduos entre si. Reciprocamente, as sociedades com monopólios mais estáveis da força (...) são aquelas em que a divisão de funções está mais ou menos avançada, nas quais as cadeias de ações que ligam os indivíduos são mais longas e maior a dependência funcional entre as pessoas”.

Nestas sociedades, que são, para Elias, mais avançadas no processo civilizatório, o indivíduo é mais protegido contra ataques físicos por outras pessoas, mas simultaneamente é obrigado a controlar a sua impulsividade, sendo que:

“Quanto mais apertada se torna a teia de interdependência em que o indivíduo está emaranhado, com o aumento da divisão das funções, maiores são os espaços sociais por onde se estende essa rede, integrando-se em unidades funcionais ou institucionais - mais ameaçada se torna a existência social do indivíduo que dá expressão a impulsos e emoções espontâneas, e maior a vantagem social daquele capazes de moderar suas paixões (...)” (Elias, 1993, p.198).

Neste contexto, Elias enfatiza a necessidade de transformações comportamentais do indivíduo que vive numa sociedade que lhe oferece de um lado segurança e estabilidade mas que, por outro lado, exige um autocontrole maior. É interessante analisar a seguinte especificação desses comportamentos, sob o foco de habilidades sociais.

“A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito - todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta, que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física e a extensão das cadeias da ação e interdependência social. Ocorre uma mudança “civilizadora” do comportamento” (Elias, 1993, p.198).

Ou seja, aqueles tipos de comportamentos que são denominados componentes da habilidade social, são tratados por Elias como conseqüências de uma determinada transformação da estrutura social para maior estabilidade de um monopólio de força, maior diversidade de funções e, por conseqüência, uma rede mais sofisticada de interdependências dos indivíduos.

No contexto da presente pesquisa chama a atenção que as crianças em estudo apresentem déficits exatamente naquelas habilidades comportamentais apontadas por Elias como características de uma sociedade que oferece para os indivíduos: Proteção “(...) contra ataques súbitos, contra a irrupção de violência física em sua vida” (Elias, 1993, p. 198). Sendo assim, surge a pergunta sobre as

particularidades do dia-a-dia do universo das crianças em estudo, apresentada anteriormente.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0, n. 4, p.76-88 , jan./jun. 2000.

ISSN: 1983-930.

A partir do conhecimento do bairro, das histórias de vida das crianças, das informações passadas pela entidade, constatou-se o seguinte:

- bairro das crianças se encontra num processo de transformação de uma área antigamente rural para uma área urbana com um grande crescimento populacional (invasões de terra), mas sem infra-estrutura;
- não tem asfalto nem canalização e o problema de acúmulo de lixo é grande, pois nesse bairro não passa lixeiro.

No seu artigo sobre urbanização e saúde mental, Ekblad apud Nakamura (1996), aponta as desigualdades sócio-econômicas como o

“(…) principal responsável pelas condições de stress, devido a situações de privação e de desorganização social. A incongruência entre os anseios e as perspectivas da existência individual e as condições básicas do meio ambiente necessárias para satisfazê-los é um reflexo da heterogenidade urbana. No entanto, as diferenças não se referem apenas à ausência de condições materiais, mas, principalmente, às privações culturais e sociais, resultante da quebra das estruturas familiares e comunitárias, responsáveis pela sensação de segurança, pertencimento e participação dos indivíduos em uma sociedade” (p. 53).

Esse comprometimento da sensação de segurança e integração social se casa com a importância que Elias (1993) atribui à questão do monopólio de força em relação ao comportamento dos indivíduos, que constroem suas vidas nessas condições, tão difíceis de serem entendidas por nós na sua dimensão. Pois tende-se a entender a própria conduta como sendo parte das características pessoais e não como resultante de determinadas condições de vida, ou seja:

“Mal compreendemos com que rapidez o que denominamos de nossa “razão”, este direcionamento relativamente previdente e diferenciado de nossa conduta, com seu alto grau de controle de emoções, desmoronaria ou entraria em colapso se as tensões que introduzem ansiedade em nós mudassem, se os medos que nos afetam a vida de repente se tornassem muito mais fortes ou fracos ou, como em muitas sociedades mais simples, as duas coisas sucedessem no mesmo tempo, ora mais fortes, ora mais fracos” (Elias, 1993, p.268).

E é nessa situação estressante, onde o medo e o imprevisível fazem parte do dia-a-dia, característica deste

determinado macrossistema, em que crescem os sujeitos da pesquisa. E mais: nesse contexto ocorre não somente o processo de socialização mas paralelamente o processo, chamado por Elias (1994), de individualização, pelo qual o indivíduo chega à individualidade adulta.

A individualidade adulta se caracteriza, para o pesquisador, “pela moldagem e a diferenciação especiais das funções mentais” (Elias, 1994, p.27). Ela se difere tanto mais de um indivíduo para outro, quanto maior, diversificada e densa é a rede das interdependências dos indivíduos da sociedade, pois cada indivíduo parte de uma posição única na rede das relações e passa por um caminho singular no seu desenvolvimento. Sendo assim, a diversidade das possíveis trajetórias do indivíduo é menor numa sociedade mais simples do que nas mais complexas. Como a constituição característica de uma criança recém-nascida dá margem a uma gama imensa de individualidades possíveis, evidencia-se que as individualidades dependem muito da natureza das relações entre a criança e as outras pessoas, especificamente do microssistema da família.

Entretanto, não se pode analisar este microssistema de forma isolada, mas sim inserida num contexto maior: no macrossistema, pois, nas palavras de Elias:

“Essas relações - por exemplo, entre pai, mãe e irmãos numa família -por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela. São diferentes em sociedades diferentes com estruturas diferentes” (Elias, 1994, p.28).

Portanto, entende-se, na presente pesquisa, as manifestações comportamentais como falta de controle emocional e dificuldade em antecipar as conseqüências do próprio comportamento, entre outras, como componentes dos ambientes das crianças em estudo (macrossistema e microssistema) com o intuito de evitar que diferenças culturais sejam reduzidas e distorcidas em comportamento adequado e inadequado. Entretanto, mostrou-se necessário preparar uma criança desse universo distinto para se relacionar com a outra sociedade, que apresenta um monopólio de força mais estável, uma sensação maior de segurança e uma maior diversidade das possíveis individualidades adultas, pelo fato de existir uma rede maior de inter-relações dos indivíduos, mas que, por outro lado, exige do indivíduo um autocontrole maior.

A respeito da diferença dessas duas sociedades afirma Elias:

“(…) de modo geral, os estratos inferiores, os grupos marginais e mais pobres, num dado estágio de

desenvolvimento, tendem a seguir suas paixões e sentimentos de forma mais direta e espontânea, regulando-se sua conduta menos rigorosamente que a dos respectivos estratos superiores. As compulsões que operam nos estratos inferiores são predominantemente de natureza direta, física, (...). Esse tipo de pressão, contudo, não induz uma transformação estável das limitações, de limitações que vêm de fora através do outro, em limitações assumidas de dentro ou “auto-limitações” (Elias, 1993, p. 210).

Fica claro: “que o tipo de dependência social que as caracteriza ainda não necessite, ou permite, o mesmo grau de controle de emoções e um espírito de previsão mais regular que nas classes altas do mesmo período” (loc. cit., p.211).

Este estudo auxiliou os pesquisadores a perceberem as diferenças sócio-culturais do grupo, como valores e relações interpessoais. Assim, foi possível compreender certas manifestações das crianças com uma interpretação contextualizada o que foi indisponível na tentativa de criar um microsistema onde as relações podem funcionar de forma diferente, oferecendo à criança um ambiente onde ela se sinta respeitada até o ponto de se dar o direito de experimentar outras formas de conduta.

REFERÊNCIA

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0, n. 4, p.76-88 , jan./jun. 2000.

ISSN: 1983-930.

-
- Elias, N. (1990): *O Processo Civilizador. Vol 1: Uma História dos Costumes.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (1993): *O Processo Civilizador. Vol 2: Formação do Estado e Civilização.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (1994): *A Sociedade dos Indivíduos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Krebs, R. J. (Org.) (1997): *Teoria dos Sistemas: Um Paradigma para a Educação Infantil.* Santa Maria: Pallotti.
- Krebs, R.J., Coppetti, F., Beltrame, T. S. (Orgs.) (1998): *Discutindo o Desenvolvimento Infantil.* Santa Maria: SIEC.
- Kröger, A.: Voltigieren als Erziehungshilfe an Schulen für verhaltensauffälligen Kindern. In Heipertz W. (Org.) (1977): *Therapeutisches Reiten.* Stuttgart: Franckh.
- Matos, M. G. de (1994): *Corpo, Movimento e Socialização.* Rio de Janeiro: Sprint.
- Metzger, D. (1994): *Soziale Intelligenz- Das sympathische Talent.* Geo Wissen Intelligenz und Bewußtsein, 20, 150-159.
- Minayo, M. C. de S. (1996): *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde.* São Paulo: HUCITEC-ABRASCO.
- Nakamura, E. (1996): *Algumas Considerações Antropológicas sobre o Processo de Urbanização e suas Consequências sobre a Saúde Mental das Crianças.* *Infanto-Rev. Neuropsiq. da Inf. e Adol.* 4(1): 52-56.
- Piaget, J. (1990): *Seis Estudos de Psicologia.* São Paulo: Editora Forense Universitária.
- Piaget, J.; Inhelder, B. (1994): *A Psicologia da Criança.* Rio de Janeiro: Bertrand.

Mirja Jaksch Weller
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Referência do artigo:

ABNT

WELLER, J. M. Estrutura social e personalidade: Contribuições teóricas. *Conexões*, v.0, n4, p. 76-88, 2000.

APA

Weller, J. M. (2000). Estrutura social e personalidade: Contribuições teóricas. *Conexões*, 0(4), 76-88.

VANCOUVER

Weller JM. Estrutura social e personalidade: Contribuições teóricas. *Conexões*, 2000; 0(4): 76-88.